

SOBRE O TEXTO “ELE FOI MEU MESTRE”, DE DELEUZE

Marcos Sávio Santos Aguiar¹

RESUMO: A partir do texto, *Ele foi meu Mestre* de Deleuze, esse artigo pretende colocar em discussão a crítica de Sartre ao problema da representação, sob a ponto de vista de Deleuze. Para tanto, Deleuze apresenta-nos inicialmente a argumentação defendida pela academia, referente aos valores provindos da “esfera do juízo”, isto é, “da ordem representativa”. A intenção é ressaltar os pontos que, segundo Deleuze, opõe Sartre aos acadêmicos ou professores públicos. Num segundo momento, aborda-se o tema do “mestre”. Expõe-se então argumentos de Deleuze que indicam inconsistências da academia no que se refere à incapacidade de reunir os direitos de uma totalização humana e a arte de inventar o novo. Capacidade essa sendo exclusiva dos mestres, dentre eles, Sartre, segundo Deleuze.

Palavras-chave: Sartre, novidade, totalização, mestre, representação, professores-públicos.

ABSTRACT: From the text, *He was my Master* by Deleuze, this article intends to put in discussion the criticism of Sartre to the problem of the representation, from the point of view of Deleuze. For this, Deleuze introduces us initially the argument defended by the academy, referring to the values coming from the "sphere of the judgment", that is, "of the representative order". The intention is to emphasize the points that, according to Deleuze, opposes Sartre to the academics or public teachers. In a second moment, the subject of the "master" is approached. It then expounds Deleuze's arguments that indicate inconsistencies of the academy with regard to the inability to gather the rights of a human totalization and the art of inventing the new. This capacity is exclusive to the masters, among them Sartre, according to Deleuze.

Keywords: Sartre, novelty, totalization, master, representation, public teachers.

¹ Mestrando em filosofia e Tutor de EAD no Departamento de filosofia, ambos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e-mail: marcosavio.se@gmail.com

O texto de Deleuze *Ele foi meu mestre* foi publicado pela revista *Arts* em 28 de novembro de 1964, p.8-9, um mês depois de Sartre ter recusado o prêmio Nobel de literatura (DELEUZE, 2004, p.92). Esse texto faz parte de uma compilação denominada *L'ÎLE DESERTE E AUTRES TEXTES* que reagrupa textos de Deleuze publicados entre 1953 e 1974. Esta compilação reúne artigos, resenhas, prefácios, entrevistas, conferências, isto é, são textos que não encontram-se em nenhuma de suas obras, mas dispersos em revistas, jornais, obras coletivas etc. (DELEUZE, 2004a, p.92). Portanto esta compilação, *L'ÎLE DESERTE E AUTRES TEXTES*, torna disponível textos quase sempre pouco acessíveis por encontrarem-se dispersos. Dentre eles, o texto *Ele foi meu mestre* que é o motivo dessa minha comunicação.

1 A busca do mestre:

Quem são os nossos mestres? Deleuze responde, no início do seu texto: “Nossos mestres não são apenas os professores públicos...” (DELEUZE, 2004, p.92). Nessa citação, Deleuze exalta os professores públicos, os “nossos mestres”; aqueles que estão à serviço da instituição pública e que atendem a uma necessidade de um público em matéria de educação. Mas com o mesmo entusiasmo que Deleuze exalta os professores públicos, ele exalta também outros mestres quando ele diz: “Nossos mestres não são apenas os professores públicos...” (DELEUZE, 2004, p.92). Mas, quem são outros mestres? Pensemos talvez nos “não professores”, naqueles que “não ensinam” ou que não possuem vínculos com instituições de ensino, ou que não representam instituições, ou que simplesmente não representam. Deleuze, no seu texto, nos fala daqueles mestres que contestam a “noção de representação”, quando ele nos diz: “só falam em seu próprio nome, sem representar nada” (DELEUZE, 2004, p.93). Portanto, a partir do tema da representação, Deleuze opõe dois tipos de mestres: os que representam algo, exemplo, instituições de ensino, e os que simplesmente não representam. Segundo Hilton Japiassú, a representação é uma operação em que a mente apresenta em si uma imagem mental, ou uma ideia, correspondendo a um objeto externo. O problema é que a relação de representação é entendida como uma relação de correspondência, ou de semelhança, isto é, uma espécie de analogia entre entidades em que uma entidade está por outra entidade, isto é, o representante está pelo representado. Abre-se pois, na relação de representação, o pressuposto de que a consciência seria incapaz de apreender diretamente o objeto externo, cabendo apenas o estabelecimento de uma correspondência, ou de uma semelhança (JAPIASSÚ, 2001, p.166). Mas, em que sentido essa noção de representação vem esclarecer o texto de Deleuze? No seu texto, Deleuze nos insinua o papel do professor como aquele que representa não apenas os valores que norteiam uma instituição, mas que representa também as ideias dos outros, dos autores,

ou uma certa forma de pensar provinda do outro. Deleuze o opõe à aqueles outros mestres que “só falam em seu próprio nome, sem representar nada” (DELEUZE, 2004, p.93). Mas, no início do seu texto, ou melhor, as primeiras palavras que abrem o texto, Deleuze nos diz: “Tristeza das gerações sem mestres” (DELEUZE, 2004, p.92). Ora, nós sabemos que as próprias instituições de ensino sempre assegurarão a existência dos “mestres”, os professores, uma vez que sempre existirão instituições de ensino enquanto houver sociedade. Mas mesmo assim, Deleuze continua insistindo na expressão: “Tristeza das gerações sem mestres”. Como se os professores públicos, que sempre existirão, não são garantia da presença dos mestres para as gerações. Mas que espécie de mestres nos fala Deleuze? Quem são aqueles que ganham de Deleuze, de uma forma exclusiva, o status de “mestre”? E qual espécie de público os ouvem?

2 Os mestres nos tocam:

Quem são nossos mestres, para Deleuze? Vejamos essa citação do seu texto: “No momento em que atingimos a idade adulta, nossos mestres são aqueles que nos tocam com uma novidade radical [...]” (DELEUZE, 2004, p.92). Aqui, Deleuze conjuga idade adulta a toda uma geração, quando ele diz que só quando atingimos a idade adulta os nossos mestres nos tocam, e que os nossos mestres são os mestres de toda uma geração, isto é, uma geração que se esforça para atingir a idade adulta, e que só assim é que eles poderão acolher os seus mestres. Em outras palavras, a idade adulta, para Deleuze, não refere-se à idade cronológica, mas refere-se a um ato, isto é, o ato de maturar as dificuldades e as aspirações da sua geração, isto é, o ato de buscar uma solução para a sua geração. Solução essa que não há modelo, isto é, há aqui uma liberdade, uma autonomia em relação ao mundo, um olhar crítico, para assim poderem merecer os seus mestres. Em suma, a idade adulta para Deleuze, é aquela que encabeça a sua época, a sua modernidade, isto é, a que respira mudanças, ou que sente em si uma liberdade para mudar tudo. E quando atingimos idade adulta, indagamos: Quem são os nossos mestres? Por que eles nos tocam? Deleuze responde: “nossos mestres são aqueles que [...] sabem inventar uma técnica artística ou literária e encontrar maneiras de pensar que correspondem à nossa modernidade” (DELEUZE, 2004, p.92). Então temos aqui a invenção de uma técnica, isto é, técnica artística ou literária, um saber fazer nas artes e nas letras sintonizado com a nossa época e empenhado para mudar tudo. Trata-se de saber inventar uma técnica, uma novidade, ou uma nova maneira de pensar que responde à nossa modernidade. Mas ao dizer isso, Deleuze nos traz um problema: se os nossos mestres inventam uma técnica artística, então eles estão justamente inventando um modelo, um “valor”, um algo da esfera de juízo, que soa como “o representado”. Sabemos ainda que a noção de valor busca naturalmente “conceitos de

valor”, o que leva a uma “teoria de valores”. Mas uma “teoria “se faz problema quando estamos nos domínios da arte, pois a arte é por excelência livre, criativa, isto é, não submissa a modelos. Portanto, de acordo com Deleuze, se os mestres são aqueles que inventam uma técnica artística para dar uma resposta à modernidade, e se uma técnica artística continua sendo uma técnica no sentido teórico do termo, isto é, um “valor de verdade”, então perguntemos: qual é o valor de verdade da arte? Será que a arte pode construir uma teoria de valores sem se deixar cair no sistema de representação? Com quais valores os mestres nos tocam quando Deleuze nos diz que eles inventam uma técnica artística ou literária?

3 O valor da “primeira mão”:

Que relação tem a arte com os valores? Será que a arte é criadora de valores? Se tudo o que a arte busca é o abandono da esfera do juízo, então será que existem valores nos domínios do pré-judicativo, isto é, do sub-representativo, ou de um mundo mais colorido que não a ideia de ter que representar algo? Com quais valores os mestres tocam toda uma geração que os acolhe? A partir do seu texto, Deleuze responde: “Sabemos que existe apenas um valor de arte e até mesmo de verdade: a primeira mão” (DELEUZE, 2004, p.92). Aqui, Deleuze associa o termo “primeira mão” a uma novidade, a um acontecimento. Mas, quando ele diz: existe apenas um valor de verdade, isto é, a primeira-mão, então questiona-se: Como é que a primeira mão ou um acontecimento pode ter um valor de verdade? Já sabemos que um valor de verdade demanda uma definição rigorosa para poder ser dita como uma “verdade”. Então, como poderemos associar uma definição rigorosa, como por exemplo o conceito de valor, com palavras abrangentes ou imprevisíveis do tipo: “novidade” ou “acontecimento”? O texto de Deleuze nos dá a entender que o conceito de valor que formula-se a partir de uma técnica artística ou literária, não pode ser definido rigorosamente, mas pertence àqueles conceitos abrangentes que não comportam uma definição propriamente dita. Deixemos claro que o termo “abrangente”, não significa aqui uma orientação para o transcendental. O conceito de valor ao qual Deleuze se refere não trata-se de uma qualidade absoluta, mas de uma qualidade relativa, isto é, uma relação dinâmica entre o valor e o homem, entre o homem e a sociedade, dando a entender que nunca há objetividade, isto é, relação entre o valor e a coisa, mas que todo valor de verdade que está em jogo está todo compreendido nos domínios da subjetividade. Por isso, Deleuze associa a verdade, não com a verdade daquilo que se diz, isto é, não a verdade absoluta e objetiva de um objeto ou de uma coisa, mas sim a verdade como a novidade autêntica daquilo que se diz, ou do como se diz, ou da “musiquinha” com a qual aquilo é dito, isto é, a subjetividade da comunicação do novo como o resultado de uma interpretação pessoal, uma vivência pessoal (DELEUZE, 2004,

p.92). Em outras palavras, Deleuze está nos falando de um deslocamento do valor de verdade para o outro campo, o campo da subjetividade humana. Nesse sentido, o valor é sempre valor para pessoas; para pessoas de uma determinada época ou de um determinado círculo cultural. E a subjetividade traz em si um estilo, que não é jamais imitação, mas a marca da personalidade, marca de distinção. Em suma, o estilo é o próprio ser humano, e os nossos mestres são aqueles que nos tocam com o seu estilo, com uma maneira autêntica de quem sabe dizer o novo para a sua época (DELEUZE, 2004, p.92). Mas, qual mestre motivou Deleuze a escrever esse artigo, intitulado *Ele foi meu mestre?* Quem foi o mestre da geração de Deleuze? Quem foi o seu mestre?

4 Sartre foi tudo isso para nós:

Este texto foi escrito um mês depois de Sartre ter recusado o prêmio Nobel de literatura. Mas, em que esse evento tocou a geração de Deleuze? Deleuze, através do texto *Ele foi meu mestre*, revela-se o porta-voz da sua geração, uma geração tocada pelo seu mestre. Neste texto, Deleuze nos diz com toda entonação que Sartre acaba de recusar o prêmio Nobel, por horror à ideia de representar algo, ainda que seja valores espirituais, ou, como Sartre mesmo diz, horror de ser institucionalizado (DELEUZE, 2004, p.93). Mas, como é que Sartre consegue romper com a representação, com a ideia de ser institucionalizado, se o que faz a essência da nossa sociedade são as instituições? Será que existe um lugar na sociedade para as “não-instituições”? Para as não-representações? Deleuze nos explica: “os pensadores privados opõem-se aos professores públicos. Até mesmo a Sorbonne precisa de uma anti-Sorbonne” (DELEUZE, 2004, p.93). Nesta citação, Deleuze associa o pensador privado à arte de não-representar, e a anti-Sorbonne à arte de não-institucionalizar. E por que “arte”? A arte como a invenção de um anti-valor, de um estilo, uma marca de personalidade, uma marca de distinção, como a quebra de uma ordem que representa, ordem que institucionaliza. Aqui Deleuze associa o termo “arte” à identidade entre vida e obra, ao próprio Sartre que identifica sua vida a sua obra, a obra como uma reação ao mundo burguês, associada ao ultrapassamento da sua própria situação de intelectual burguês. Portanto, vida e obra compondo, através da arte literária, uma identidade do pensamento e da liberdade. Liberdade como um estilo, como uma subjetividade da pessoa, uma personalidade. E por que o “pensador privado”, ou o não-representar? Por que a anti-Sorbonne, ou o não-institucionalizar? Começamos pelo o pensador privado. Deleuze nos diz que o pensador privado têm duas características: primeiramente, uma espécie de solidão que permanece propriamente sua em qualquer circunstância, isto é, a solidão de quem só fala em seu próprio nome, de quem não representa nada, nenhum modelo. A solidão de um homem que dirige-se aos outros do ponto de vista único da sua liberdade. A segunda

característica do pensador privado é a de ter em si uma certa agitação que ressoa a desordem do mundo, desordem, na qual eles agem e falam (DELEUZE, 2004, p.93). Isto seria o mesmo que dizer que, do mesmo modo que há a solidão do pensador privado, há também uma solidão dos que buscam um mestre, e que só poderiam encontra-lo nesse mundo agitado, isto é, num mundo que comporte um mínimo de desordem, numa sociedade em revolução permanente (DELEUZE, 2004, p.93). E é aqui o lugar dos mestres, no diz Deleuze; é o que ele chama de anti-Sorbonne, ou o mundo agitado e em revolução permanente. É esse o lugar do pensador privado, assim como a Sorbonne é o lugar do professor público. Mas qual é o ponto dessa contradição entre a Sorbonne e a anti-Sorbonne? Do ponto de vista ideológico, têm-se, de um lado, os pensadores que exprimem o pensamento burguês, uma ordem moral que, segundo Deleuze, nós estamos já acabados por essa ordem moral e pelo conformismo atual (DELEUZE, 2004, p.94). Do outro lado, em oposição ao pensamento burguês, surge Sartre como aquele que soube dizer algo novo. Segundo Deleuze, em *Que é a literatura?* Sartre traçava o ideal do escritor. Dizia Sartre, “o escritor retomará o mundo tal e qual, todo nu, todo suado, todo fedorento, todo cotidiano, fundado sobre uma liberdade para apresenta-lo às liberdades...” (DELEUZE, 2004, p.93), isto é, é preciso que o escritor dirija-se a um público do ponto de vista da sua liberdade, de tal forma que esse público tenha a liberdade de mudar tudo: Supressão de classes, a derrubada contínua da ordem a partir do momento em que ameaça se fixar, a abolição de toda ditadura, etc. (DELEUZE, 2004, p.93). Em uma só palavra, para Sartre, a literatura é essencialmente a subjetividade de uma sociedade em revolução permanente. E o lugar de Sartre é esse mundo em desordem, pois é lá que ele solicita presenças brutas, potências que de modo algum são representáveis, para poder apresenta-las às liberdades que desejam mudanças (DELEUZE, 2004, p.93). Como diz Deleuze, foi preciso a guerra da Argélia, a revolução Cubana, a guerrilha venezuelana para que Sartre pudesse reencontrar a agitação liberatória, a luta política (DELEUZE, 2004, p.93), e lá, inventar um novo estilo, ou uma nova maneira polêmica e agressiva de levantar os problemas (DELEUZE, 2004, p.92), e tocar aquela geração desejosa de um mestre para poder mudar tudo. Do ponto de vista da chegada do mestre para a sua época, Deleuze pergunta: “Quem, na época, soube dizer algo novo além de Sartre?” E Deleuze acrescenta que tudo veio de Sartre: os novos temas, um certo estilo novo, essa nova maneira polêmica e agressiva de levantar os problemas (DELEUZE, 2004, p.92). No mundo da desordem e da esperança de libertação, quando descobria-se e redescobria-se tudo: Kafka, os acertos de conta com o marxismo, o impulso em direção a um novo romance..., tudo passava por Sartre, não apenas porque, sendo um filósofo, possuía um gênio da totalização, mas porque sabia inventar o novo (DELEUZE, 2004, p.92). Com

relação à totalização, Deleuze nos diz que Sartre soube reunir para a sua geração as condições de uma totalização: aquela em que a política, o imaginário, a sexualidade, o inconsciente, a vontade se reúnem nos direitos da totalidade humana; e reúnem-se numa síntese violenta, feita de rachaduras e estiramentos (DELEUZE, 2004, p.94). Um exemplo, o último livro de Sartre, *A Crítica da razão dialética*, é, para Deleuze, um dos livros mais belos e mais importantes surgidos nestes últimos anos. Segundo Deleuze, a *Crítica da razão dialética* dá ao *O Ser e o nada* seu complemento necessário, no sentido em que as exigências coletivas completam a subjetividade da pessoa. E cada vez, a essência e o exemplo entram em relações complexas que dão um estilo novo à filosofia (DELEUZE, 2004, p.94-95). Vale ressaltar que essa exigência do coletivo, completando a subjetividade da pessoa, se dá dentro do espírito marxista, ainda que Sartre tenha tido acerto de contas sem fim com o marxismo, e com o objetivo de pôr em questão o mundo burguês. Um outro exemplo, os romances de Sartre: *O garçom do café*, *a moça apaixonada*, *o homem feio*, *meu amigo-Pierre-que-nunca-estava-presente*, formavam verdadeiros romances na obra filosófica e percutiam a essência ao ritmo de seus exemplos existenciais (DELEUZE, 2004, p.95).

5 Considerações Finais:

Para concluir, Deleuze nos mostra, no seu texto, como Sartre soube dar uma resposta a uma geração que não suportava mais uma ordem que subdivide a sociedade em classes; uma ordem que instaura regimes totalitários, aniquilando os direitos individuais; uma ordem que legitima impérios e suas colônias. Quanto à sua obra, Sartre reúne a totalidade humana ao mesmo tempo em que preserva a subjetividade da pessoa, isto é, o pensamento que refaz suas totalidades tornando-se ao mesmo tempo coletivo e privado, isto é, um pensamento em permanente revolução sintonizado a uma sociedade em revolução permanente. Em outras palavras, a essência e o exemplo entrando em relações complexas para dar um estilo novo, uma nova maneira de encarar os problemas da nossa modernidade. Enfim, Sartre queria reunir juntas: “as instituições” e “a sociedade em revolução”, de acordo com o que nos diz Deleuze: “Até mesmo a Sorbonne precisa da anti-Sorbonne” (DELEUZE, 2004, p.93). Sartre queria que as instituições ressoassem os anseios da sua geração, isto é, que as instituições ouvissem as dificuldades e as aspirações da sua modernidade. Que os professores públicos, um dia, cumprissem a sua principal missão: tornar-se os mestre da sua geração. E fico aqui com as palavras que fecham o texto de Deleuze quando este diz que o destino do mestre é de trazer ar puro quando fala, mesmo que seja difícil respirar esse ar puro, o ar das esperanças e novidades, o ar das ausências (DELEUZE, 2004, p.95).

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DELEUZE, Gilles. *A Ilha Deserta E Outros Textos: Textos e entrevistas (1953-1974)*. Edição preparada por David Lapoujade. Trad. Brasileira. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004a.

DELEUZE, Gilles. Ele Foi Meu Mestre. In: DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta E Outros Textos: Textos e entrevistas (1953-1974)**. Edição preparada por David Lapoujade. Trad. Brasileira. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.